

N. CLASS.
CUTTER
ANO/EDIÇÃO

FACULDADE TRÊS PONTAS – FATEPS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
GABRIELY FERREIRA BORGES

**A CRITICIDADE CONSTRUÍDA NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM PELA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

**Três Pontas
2016**

FEPESMIG

GABRIELY FERREIRA BORGES

**A CRITICIDADE CONSTRUÍDA NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM PELA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como
pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura sob
a orientação da Profa. Ma. Nídia Mirian Rocha Felix.

**Três Pontas
2016**

GABRIELY FERREIRA BORGES

**A CRITICIDADE CONSTRUÍDA NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM PELA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Faculdade Três Pontas - FATEPS como
pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura, pela
Banca Examinadora composta pelos membros:

Aprovada em: de..... de 2016.

Profa. Ma. Nídia Mirian Rocha Felix

Profa. Máisa Moreira

Profa. Esp. Ana Cristina Naves

OBS.:

A CRITICIDADE CONSTRUÍDA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM PELA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Gabriely Ferreira Borges*

Nidia Mirian Rocha Felix**

RESUMO

Este trabalho trata da criticidade construída no processo escolar. Tal abordagem é justificada pela forma tão passiva que a Filosofia na atualidade tem sido representada no ensino. O objetivo do mesmo é conscientizar mestres e discentes do valor imensurável de uma postura crítica diante da aprendizagem e do uso social da mesma, vendo que cada aluno levará em si a bagagem metodológica e de valores que serão utilizados na sociedade. O estudo realizado para a elaboração do presente artigo é embasado nas pesquisas de Lipman que acredita no potencial de filosofar tanto do professor quanto do aluno. O autor acredita que é tempo de impulsionar o sistema educacional para a prática do diálogo e não se perder em teorias maçantes. Na pesquisa elaborada foi-se percebendo o valor do diálogo construído em sala de aula e não mero material expositivo levado para a mesma. Na pesquisa foi mostrado o descaso que muitos docentes têm pela Filosofia da educação e de aceitar o aluno em suas perguntas e conclusões. Assim, o mesmo norteia os futuros docentes a utilizarem métodos de conversação em sala de aula, e instigação para que haja um pensamento benéfico e que o mesmo auxilie o sistema escolar seja na questão de valores ou autonomia perante suas ideias e objetivos.

Palavras-chave: Diálogo. Criticidade. Construção.

1 INTRODUÇÃO

Em que consiste o ato de ser crítico perante mais uma disciplina do currículo escolar?

O presente trabalho aborda questões de metodologia e posturas do professor para criar uma sala crítica em todo o contexto escolar.

* Gabriely Ferreira Borges: Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas-FATEPS. Email: gabrielyborges@yahoo.com.br

** Nidia Mirian Rocha Felix : Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas-FATEPS. Email: nidia@unis.edu.br

Essa edificação crítica nascerá da ministração das aulas de Filosofia embasada no cunho teórico aliado à prática do diálogo, com rodas de conversas e de tempo aberto sem restrições e barreiras ao ato de filosofar. É importante ressaltar que a sociedade só será crítica se a escola estiver aliada no processo de formação e não recuse a prática de filosofar que já está impregnada em todo ser humano e por diversas vezes passa despercebida em sala de aula.

Numa sociedade tão singular que sempre corre à procura de soluções imediatas o ato de dialogar e não se perder em respostas fúteis precisa ser incorporado desde a educação infantil até o ensino superior.

Assim Filosofia é assunto de crianças e adolescentes que serão o futuro da nação e que já integram o presente. Essa é a preocupação pertinente do artigo e que o norteou durante a pesquisa: auxiliar docentes formarem pessoas críticas e sábias quanto aos seus papéis na sociedade e orientar discentes diante da Filosofia da educação e o pensar voltar para os valores.

Como todo ser humano pensa, seja para o lado ruim ou bom é importante que esse pensamento seja “treinado” no estilo da criticidade; para que tudo tenha um lado de reflexão e não passe batido.

2 A INTRODUÇÃO DA FILOSOFIA NO CONTEXTO ESCOLAR

O ato de pensar é inerente ao ser humano. Desde os primeiros dias de vida o pensamento já está no homem, e, com o passar do tempo a fala e ações são a resposta concreta desse pensamento. A escola precisa ser aliada ao pensamento saudável, e no decorrer de todo processo educacional a reflexão deve ser mantida e sempre que possível aprimorada.

Gadotti no livro *Filosofia para crianças* deixa claro que o conhecimento serve para tornar o homem um ser em continuidade de crescimento e não alguém estagnado. A escola é a porta de entrada para esse processo de crescimento. E cabe a ela moldar seus objetivos educacionais numa perspectiva reflexiva e não mera reprodutora de currículos (KOHAN; LEAL, 2000)

Segundo Lipman (2001) O problema pedagógico é, ao menos no primeiro estágio transformar a criança que já pensa numa criança que pensa bem. Nesta perspectiva, compreende-se que Filosofia possui uma grande abordagem na vida das pessoas e não é assunto somente de adulto; entende-se que a base que fecunda seu alicerce perpassa pelas indagações.

O conhecimento aliado á pratica concede aos aprendizes oportunidades de criticarem a sociedade que estão inseridos ou acatarem as leis e decisões pelas quais acreditam, esse é o seu papel: formar pessoas críticas. Assim há um espaço próprio para indagações e busca de verdades, mesmo quando essas não sanem seus objetivos como um todo, mas, que oportunizam a busca constante de razões e métodos investigativos.

De acordo com Lipman (2001) a sala de aula é lugar onde muitas perguntas são elaboradas e poucas são tratadas com devida atenção. Cabe ao professor incentivar seus alunos na construção de um pensamento benéfico, ouvi-los e procurar mediar esse diálogo.

No cotidiano escolar muitas disciplinas são apresentadas como métodos e fórmulas infalíveis, que farão dos discentes seres invencíveis nos vestibulares e na construção da sociedade.

Todos nós – não apenas as crianças- sabemos o que acontece quando as coisas não fazem sentido. É uma experiência profundamente perturbadora, muito mais do que simplesmente causar perplexidade. Quando ficamos confusos, suspeitamos que, em algum lugar, existe uma resposta que nos permitirá compreender. Mas a falta de sentido pode ser uma sensação assustadora. (LIPMAN, 2001, p.31).

Lipman (2001) afirma que procurar um sentido para o que se aprende e que no futuro poderá ser ensinado é questão de entusiasmo para o aprendiz, e essa questão é praticamente ausente quando a questão é a disciplina. A Filosofia da educação, possui a meta de abrir um leque de oportunidade para aluno, habilitando-o a criar, a valorizar aquilo que já possui e procurar aprimorar seus conhecimentos. Só haverá qualidade na educação quando o aluno possuir um nível crítico, a vontade de não se perder nas teorias, mas, fazer da aprendizagem um esboço fecundo para a prática, tornando a aquisição do conhecimento algo significativo para a mudanças significativas na sociedade.

A Filosofia deve ser introduzida no contexto escolar de forma compreensível, clara, e não para cumprir o projeto político pedagógico da escola, este que, por diversas vezes é elaborado de forma criteriosa pela direção e inspeção escolar e guardado como um documento ao invés de ser cumprido. Assim, essa pesquisa tem como proposta apresentar uma revisão bibliográfica sobre a criticidade na construção e desenvolvimento dentro da educação básica de processos que envolvem a Filosofia na formação educacional.

2.1 Como abordar a Filosofia nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Desde que são inseridas no ambiente escolar, as crianças, se envolvem em um sistema em que todo o currículo é elaborado e é necessário que haja apoio em suas indagações e expectativas desde seu início na vida escolar. Nesse sentido, precisa-se de um profissional da educação que tenha sensibilidade e acredite no potencial de emancipação da criança, e que esse possa introduzir conceitos filosóficos que sejam proveitosos para os anos iniciais do ensino. Para colaborar com essas ideias Lipman (2001) pondera que: se a escola fosse um meio tão significativo para as crianças e jovens não haveria esse ato de “detestar” o meio escolar por tantos aprendizes.

Assim, percebe-se que a escola por inúmeras vezes deixa de lado o querer das crianças, principalmente a vontade de buscar sentido para suas dúvidas.

Quando entram na escola as crianças chegam com muitas ideias de como será a sua aquisição do conhecimento, indagações próprias de quem busca algo novo e tem a oportunidade de sair de sua casa e explorar um novo ambiente: o espaço educacional. A escola é um lugar muito propício para formação de opinião, e não pode deixar a desejar esse papel tão importante: formar mentes pensantes e não meras reproduzoras de um conhecimento engessado.

Lipman (2001) afirma claramente que: já no terceiro ano do ensino fundamental toda euforia é extraída de seus pensamentos, afinal estudar torna-se obrigatório, para garantir um futuro emprego, ou status social e não um território de aprendizado concreto, prazeroso. A escola precisa ser um ambiente pelo qual o aluno sinta gosto de frequentar e tenha a consciência de que nela ele poderá ser autônomo e sair dela alguém crítico e com visão de mundo.

Ao se introduzir a disciplina Filosofia na sala de aula, seu primeiro nível é a construção do pensamento, o ato de pensar não é treinado, acontece por si só e na escola e, esse pensamento precisa ser ensinado não com uma visão uniforme e preconceituosa das coisas, mas de forma crítica, onde de tudo aquilo que se vê e se é possível experimentar brote inferência e não uma visão etnocêntrica (Lipman,2001).

Gadotti fala que Filosofia possui o poder de transformar o mundo, nela há a possibilidade de formar um espírito crítico. E assim construir pontes para mudança social Gadotti (apud KOHAN ; LEAL, 2000).

E como o docente aborda essas questões de mudança social de forma clara na sala de aula?

Lipman (2001) dá um norte para a ação filosófica: criando debates, rodas de conversa, deixando que os discentes exponham seus saberes e dúvidas. O que se percebe é que crianças

que pensam bem, que refletem sobre seus atos e os da sociedade são capazes de emitirem bons juízos e assim serão formadas sobre o viés da ética e responsabilidade.

Alguns alunos queixam-se que diante da sala de aula não possuem oportunidade de se manifestarem, seus gostos e indagações por inúmeras vezes são deixados de lado e assim a escola se torna ferramenta reprodutora do conhecimento vazia e detentora de todas as razões.

A sociedade contemporânea necessita de pessoas críticas e que diante da fase corruptora e desmoralizada tenha a autonomia de gritar pelos direitos e ser cumpridora dos deveres. Na sala de aula há a oportunidade efetiva para que membros da sociedade sejam formados e se tornem críticos. Assim, o professor precisa aceitar as opiniões dos alunos e mediá-las.

Sem refletir, não poderíamos ser livres. Agir sem refletir significa não ser dono das próprias ações, ou ser movido por causas outras que não a nossa própria razão. Essa é a diferença entre nós e os robôs. Eles não possuem poder de reflexão e por isso mesmo eles não podem escolher por si mesmos o curso de ação que irão adotar. Do mesmo modo, quando adotamos um certo curso de ação 'sem refletir', mecanicamente, assemelhamo-nos a um autômato, ou a um robô nas mãos do primeiro que passa. (MOREIRA, 2004, p. 3).

Segundo Moreira (2004) O processo de reflexão é imprescindível para que o ser que está em processo de formação tenha teor crítico. A reflexão é sinônimo de liberdade, pois a pessoa pode decidir qual o caminho a tornará mais emancipada. No ato de refletir há espaço para crescimento intelectual e social.

Portanto, na sua abordagem, a Filosofia deve ser apresentada já na conversação de sala de aula, oportunizando ao discente tempo para dialogar e expor sua bagagem de experiências.

O professor deve elaborar aulas dinâmicas que tenham a oportunidade de extravasar os limites da sala de aula e assim como no início da história da Filosofia ir para as praças e causar pensamento crítico e lógico. Nunca será tarde para a menção de aulas diferentes e que tenham proporções tão benéficas para os alunos, que causem prazer ao se dirigirem para a escola e seja banida de sua vida a obrigação de frequentá-la

Em sua obra filosófica Lipman (2001, p.12) “É necessário reconhecer como prioritário o interesse do indivíduo em obter um melhor controle de sua própria vida, pois não há melhor incentivo que ver nossa vida se aperfeiçoar com o nosso pensar sobre ela”.

Essa proposta de pensar sobre a vida e suas questões já está impregnada no homem desde seus primeiros anos de vida; pois, ao resolver questões da rotina e até mesmo problemas complexos exige dele consciência, e, a ação de pensar; retrata a singularidade, a essência do indivíduo como ser racional que é colocado á prova.

E a Filosofia habilita o homem a pensar, o induz a refletir, por isso seu papel é tão significativo na área educacional. Sua abordagem deve ser clara e multidisciplinar, utilizando-se de todas as disciplinas para refletir a teoria aliada a prática.

2.2 Um aluno crítico é de extrema importância para a sociedade

Tem se cansado de ouvir as lamúrias de alunos que quando estão no ambiente educacional não possuem oportunidades de se manifestarem, seus gostos e indagações por inúmeras vezes são deixados de lado e assim a escola se torna ferramenta reprodutora do conhecimento vazia e detentora de todas as razões.

Na sala de aula há a oportunidade efetiva para os membros da sociedade serem formados e se tornarem críticos. Assim, o professor precisa aceitar as opiniões dos alunos e mediá-las.

Em suma, podemos dizer que ensinar filosofia é um exercício de apelo a diversidade, ao perspectivismo, é um exercício de acesso a questões fundamentais para a existência humana, é um exercício de abertura ao risco, de busca da criatividade, de um pensamento sempre fresco, é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará prazer e êxito nesta aventura que é ensinar filosofia, aprender filosofia. (GALLO 2007 p. 18).

Segundo Gallo (apud SILVEIRA; GOTO, 2007) é necessário empenho para ministrar-se Filosofia, pois, nem sempre os resultados de alunos críticos e até mesmo participativos na aula surtirão de acordo com as expectativas do professor. Na aula é preciso inovação, levar os discentes a perguntarem e se encantarem com o inacabado, Gallo afirma que o é fácil pode ser uma escapatória medíocre do verdadeiro ensino de Filosofia.

A sala de aula é território para que a postura crítica e avaliativa nasça. E assim para ser criativo, crítico é preciso lançar-se ao risco, perguntar, crescer.

2.3 Pensar de forma diferente do professor é possível? A construção do diálogo filosófico

É necessário um ambiente educacional que faça o aluno a pensar e avaliar sua vida acadêmica e pessoal. Nota-se que na atualidade o pensar sobre questões existências tem ficado de lado, e a única via de pensamento é a intelectual. Mas, escola possui a missão de agregar bagagem de valores aos alunos também, e, esses valores podem ser inseridos em todas as disciplinas, utilizando a interdisciplinaridade. Nesse viés cada conteúdo estudo pode

passar pela crítica e o professor precisa dar sentido ao conteúdo, fazendo que o aluno saiba da utilização efetiva e concreta do que está sendo aprendido em sala de aula.

“Os componentes mínimos de um ambiente adequado para incentivar uma criança a pensar filosoficamente são um professor questionador e um grupo de estudantes preparados para discutir aquelas coisas que realmente interessam a eles. (LIPMAN, 2001 p. 143).”

Lipman (apud SHARP; OSCANYAN, 2001) aborda os membros do diálogo filosófico e fala que é necessário o docente ser o árbitro da conversa. Aquele que acata as indagações dos alunos e juntamente com o contexto apresentado busca as soluções para os problemas em foque.

Até mesmos os estudantes que se sentem apáticos em opinar quando se deparam com um professor que media as opiniões sentem-se mais livres para falarem quando são estimulados. Assim a Filosofia tem o papel de “buscar” os alunos que estão apáticos em sala de aula, convidando-os para o diálogo.

Lipman (2001) diz que até mesmo as crianças que priorizam o silêncio interior estão aprendendo e criando, pois, da escuta nascem também ideias e as mesmas são originais. O respeito da individualidade é presente nessa temática, basta que o professor cumpra seu papel de incentivador, o aluno precisa ser valorizado, assim ele conseguirá criar e também analisar os temas em foque.

Quando na sala de aula há divergências de pensamentos é necessário ao professor mostrar-se interessado nas dúvidas e conclusões de seus alunos. Cabe a ele aceitar as controvérsias de pensamentos e perceber que a formação humana passa pela dúvida, pelo erro e pela busca inconstante de soluções.

O papel do professor durante a discussão é o de um questionador talentoso. Com o intuito de incentivar linhas de discussão convergente (e, às vezes, divergentes), reconhecendo que um diálogo, geralmente é aberto e pouco estruturado, o professor aprenderá a reconhecer oportunidades para que as crianças explorem novas perspectivas, do mesmo modo que criará oportunidades para indicar como as ideias podem se juntar e reforçar umas às outras. (LIPMAN, 2001 p. 145).

Sabidamente Lipman (2001) defende que a discussão filosófica nessa perspectiva dialógica possui traços de divisão de experiências e anseios, nela há possibilidade de criação de ideias, partilhas de sonhos, mediação de conhecimento.

Na perspectiva dialógica os alunos começam a valorizar a história de seus colegas, enxergam a sacralidade que o outro traz em si. Valorizando assim o potencial do outro, crendo que o outro pode agregar em sua formação.

O ato de dialogar rompe com o individualismo e assim claramente, o ser em construção pode aprender com o outro. Assim, mediante a discussão a Filosofia torna-se meio pelo qual há oportunidade de aprender. Há um viés de crescimento coletivo, e também de crescimento intelectual e afetivo.

No decorrer da discussão filosófica Lipman (2001) fala que quando não houver certo progresso num tema abordado o professor poderá sutilmente modificar o tema, sempre conduzindo a sala para a via do saber.

A partir do momento que não há interesse da classe é preciso reavaliar as discussões e os temas em foco, para que a aula seja instrumento motivador de ideias filosóficas e conceitos também. Segundo Lipman (2001) há meios efetivos para que uma discussão filosófica seja produtiva:

- Motivar os estudantes: obter no diálogo interação entre o professor e todos alunos: todos são integrantes do processo de filosofar.

- Obter pontos de vista ou opiniões: essa função do dialogo filosófico é importante pois causa efeito do prazer, onde a criança pode discorrer o que gostou do texto, poema, ou autor lido e citado nas aulas e também a parte que houve grande dificuldade em interpretar e que não obteve do aluno uma resposta prazerosa.

- Ajudar os estudantes a se expressarem: esclarecer e reformular, nesse ponto o docente deve instigar o aluno numa interpretação individual do que foi lido, esclarecer o que ainda é desconhecido e reformular conceitos que não foram assimilados ou possui um nível de dificuldade alto.

- Pedir razões: essa parte é a hora em que o professor avalia o processo de assimilação do estudante e pede a ele razões que embasem seu estudo, seu ponto de vista. Saindo assim de um argumento superficial, que faça um elo com a ciência e com a prática educativa.

3 A TEMÁTICA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Numa sociedade que busca tantas soluções no imediatismo, qual a vocação da Filosofia em sala de aula vendo que a mesma está inserida desde o início da trajetória escolar do homem?

A Filosofia sempre possuirá uma vocação pedagógica, comprometendo-se com a formação integral do homem e com seu crescente discernimento acerca de si mesmo e de seu lugar no mundo. Infelizmente, ainda hoje, particularmente em nossas academias, existem aqueles eruditos e intelectuais, homens que não ultrapassam as "opiniões alheias" (cf. NIETZSCHE, 1978, §7), para os quais pensar a educação, o ensino da Filosofia, o significado e os pressupostos do ato de educar, seria menos

digno que pensar as grandes questões metafísicas acerca do ser, da linguagem e do pensamento, ou o problema do conhecimento ou a justificação lógica das proposições científicas (FERREIRA, 2011, p. 337- 338).

É certo que o tempo se passou ferozmente desde Platão, Aristóteles e os pensadores que são sempre estudados em sala de aula, e, que possuem significância na história e no tempo. Suas atitudes mostraram que o pensar é fonte de crescimento. Mas a Filosofia em sala de aula precisa ultrapassar a barreira do metódico e instigar os alunos a pensarem sobre a existência. Assim num ensino maçante a Filosofia não atinge seu cerne de formar pessoas críticas, mas, apenas reprodutoras de conhecimento.

3.1 A Filosofia e suas associações com outras disciplinas.

Diante de todas as disciplinas que o currículo aborda sabe-se que há oportunidades riquíssimas de introduzir o diálogo filosófico. É urgente a necessidade de reflexão; bem mais do que nas poucas aulas de Filosofia que são ministradas, mas em todas as matérias que fazem parte da trajetória escolar.

A filosofia está associada tanto ao saber teórico quanto à sabedoria prática. De fato, o sucesso da filosofia teórica não nos oferece qualquer garantia de que seremos filósofos no sentido prático ou de que agiremos e sentiremos de modo correto sempre que nos envolvermos em determinadas situações práticas. A filosofia se manifesta como uma forma de entendimento que tanto propicia a compreensão de sua existência, em termos de significado, como oferece um direcionamento para sua ação. A filosofia é o campo de entendimento que, quando nos apropriamos dele, nos percebemos refletindo sobre a cotidianidade dos seres humanos: Desde as coisas mais simples até as mais complexas. O ato de filosofar não é unicamente um processo individual, mas também um processo que possui uma contrapartida social. (SCARIOTTO, 2007 p.17)

O ato de filosofar está implícito em cada fragmento do dia-a-dia e como é importante sua inserção na escola, vendo que grande parte da sociedade tem acesso a ela. É possível mostrar as pessoas que os valores e a postura crítica não se perdem em teoria, mas, que diante da vontade de refletir há resultados positivos.

Hoje, diante de imensas fontes de informações é necessário que haja ligação entre o professor que domina a teoria e busca a prática filosófica com o aluno que domina a tecnologia, mas que precisa constantemente ser instruído para fazer bom uso da mesma. Assim a postura do professor precisa ser crítica e, os valores tão desejados pela sociedade poderão ser bem mais que utópicos, serão frutos da parceria entre a metodologia e o diálogo pertinentes em sala de aula.

Essa proposta crítica precisa se mesclar com a reflexão de todas as disciplinas, tornando-as fontes concretas de aprendizado e ponte para a autonomia do aluno, pois, ele sente-se integrado e agente participativo no decorrer das aulas.

Portanto uma escola que não fique presa tão somente as teorias mas que tenha a certeza que o conhecimento só torna-se eficaz quando é refletido na pratica social será uma escola de sucesso.

4 CONCLUSÃO

A recompensa mais satisfatória que um professor terá em sua vida profissional é de ter ciência que soube passar conteúdos significativos aos seus alunos e, que, diante deles alguma mudança aconteceu na história.

Após a elaboração deste trabalho conclui-se que somente uma escola aberta a criticidade poderá atingir o seu sucesso. Essa escola precisa ser embasada no diálogo, um ambiente educacional, que saiba o valor da reflexão e a riqueza que consiste os debates, rodas de conversas e o cumprimento legal de sua missão. Bem mais que uma placa que dá ênfase a formar cidadãos críticos e participativos na sociedade a escola precisa oferecer ferramentas eficazes para a construção do teor crítico em seus alunos.

Da gestão aos discentes é necessário contribuir para o ato de refletir e analisar todas as causas e efeitos que a escola representa para a comunidade e conseqüentemente para o futuro.

Enfim, foi possível observar que a prática docente aberta ao diálogo e a compressão do aluno como alguém em construção poderá emancipar vidas e, por meio da Filosofia da educação, baseada na interdisciplinaridade o aprendizado será de fato mais sólido e prazeroso. A escola precisa ser a base para a vida das pessoas, contudo, somente um presente responsável em suas metodologias envolta pela criticidade poderá garantir a qualidade do ensino.

THE CRITICALITY BUILT IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS BY THE PHILOSOPHY OF EDUCATION

ABSTRACT

This work deals with the criticality built in the school process. Such an approach is justified by so passively that philosophy today has been represented in teaching. The objective of the same is to sensitise masters and learners of immeasurable value for a critical attitude before the learning and social use of same, seeing that each student will in itself the methodological baggage and values that will be used in society. The study for the preparation of this article is grounded in Lipman research that believes in the potential of philosophizing both the teacher and the student. The author believes that it is time to boost the educational system for the practice of dialogue and not get lost in dull theories. In the survey conducted was to realize the value of dialogue built in class and not merely expository materials taken to the same. In the research was shown on the neglect that many teachers have by the philosophy of education and to accept the student in their questions and conclusions. Thus, the same guiding future teachers to use methods of conversation in the classroom, and incitement to that there is a thought beneficial and that the same will help the school system is on the question of values or autonomy before their ideas and objectives

Palavras-chave: Dialog. Criticality. Constructio

REFERÊNCIAS

- FERREIRA Wanderley **Ensinar e aprender Filosofia num contexto de morte do desejo de filosofar**. Professor Adjunto de Filosofia da Educação na UFG Filosofia e Educação (Online) Volume 3, 2011.
- KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederck S. **Filosofia na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2001.
- MOREIRA Kênia Hilda. **Filosofia na Sala de Aula: Qual é a utilidade da filosofia na sala de aula?** Mestranda em educação escolar na UNESP-Professora de Introdução à filosofia no curso de Pedagogia da UNIFAN. Aparecida de Goiânia, Goiás, 2004.
- SCARIOTTO, Vilson José. **A Importância da Filosofia para Educação**. São José dos Campos: Centro Universitário Claretiano, 2007. Disponível em:
<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_ teses/FILOSOFIA/Monografias/Vilson_Jose_Scariotto.pdf> .Acesso em: 09 de maio de 2016.
- SILVEIRA, J. T. Rene; GOTO, Roberto. **Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2007.